

O PROBLEMA DA AUTORIA NOS LAIS DE “MARIA DE FRANÇA”

Ligia Cristina Carvalho

Resumo: Ao longo deste texto, demonstraremos o trajeto percorrido por nossa pesquisa em busca de quem seria Maria de França. As informações a respeito da autora são escassas, não possuímos obras sistemáticas e específicas, principalmente no que se refere à produção historiográfica brasileira. Recorremos, portanto, aos artigos presentes nos periódicos franceses e ingleses que, não obstante, apresentam muitas controvérsias e lacunas que ainda não foram preenchidas.

Palavras-chave: Maria de França; Escritora; Literatura Medieval; Lais; Madressilva.

Como já assinalamos pouco se sabe sobre a biografia de Maria de França, que é considerada uma das primeiras escritoras da literatura medieval, representando, desta maneira, o emergir literário das vozes femininas. As concisas considerações sobre sua pessoa e sua obra foram concluídas a partir de minuciosos estudos filológicos do escasso conjunto literário, apenas três títulos, em francês arcaico, a ela atribuídos. Assim, os primeiros escritos de Maria de França teriam sido os *Lais*, compostos no período entre 1160 e 1178¹; uma compilação de doze pequenos contos de dimensões variadas (de 118 versos do *lai* “*Madressilva*” aos 1184 versos do *lai* de “*Eliduc*”). A palavra *lai* tem a sua origem na palavra celta *laid*, que designa um canto semilírico e seminarrativo, em versos octossílabos, composto a fim de perpetuar a recordação de um sucesso notável, de uma aventura, cantado pelos jograis da Idade Média com acompanhamento de harpa, alaúde e flautas. Maria de França afirma que rimou e converteu em obra poética os *lais* que havia ouvido na tradição oral:

¹ Consideramos a cronologia aceita por Antonio L. Furtado. MARIA DE FRANÇA. *Lais*. Introdução e tradução de Antonio L. Furtado. Prefácio de Marina Colasanti. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

“Pensei nos lais que havia ouvido.
 Não duvidei, bem o sabia,
 que para lembrar
 as aventuras que ouviram
 primeiro os compuseram
 e depois os propagaram.
 Muitos lais eu ouvira contar,
 e não queria deixá-los nem esquecê-los.
 Rimei-os e fiz contos,
 o que me exigiu noites de vigília” (Prólogo, vv.33-42).

Em um deles, no *lai* de “*Guigemar*”, parecendo estar consciente do valor de sua obra, a autora reivindica um lugar entre os autores de seu tempo: “Escutem, senhores, o que diz Maria, que em seu tempo não passou despercebida” (*Guigemar* vv.3-4). O único manuscrito que contém o prólogo e os doze *lais* é o de Harley 978 da British Library de Londres, da segunda metade do século XIII². Segundo Laurence Harf-Lancner, nada nos permite afirmar que os contos reunidos nestes manuscritos são obra de um único autor, exceto a unidade de tom, de intenção e de estilo que apresentam entre si³.

As outras duas obras, de inspiração muito diferente, assinadas por uma Maria, são traduções. As *Fables*, escritas entre 1167 e 1189, são a primeira adaptação em francês de uma versão em inglês de fábulas esópicas – gênero muito popular na época – que antes teriam sido traduzidas do latim pelo rei Alfredo, o Grande, que reinou em Wessex de 871 a 899⁴. Nesta obra, no epílogo, a autora nos diz que é originária da Île-de France:

“No final deste escrito
 que em romance traduzi e disse,
 me colocarei para recordação:
 Maria tenho por nome,
 e sou de França.”⁵

² Todas as edições dos *Lais* escolhem por texto de base este manuscrito H 978. A edição crítica utilizada na pesquisa é fundamentada na terceira versão feita por Karl Warnke, sendo, como as outras, deste único manuscrito.

³ MARIE DE FRANCE. *Lais*. Traduits, présentés et annotés par Laurence Harf-Lancner. Texte édité par Karl Warnke. Paris: Le Livre de Poche, 1990. p.10.

⁴ Ver LOBATO, M. de N. Alfredo, O Grande: Um rei Saxão no *Esopo* de Maria de França. *Brathair* 2 (1), 2002:14-28. Disponível em <<http://www.brathair.com/Revista/N3/Alfredo_O_Grande.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2007. Segundo Maria de Nazareth Lobato, Alfredo “é considerado como um rei na literatura inglesa, pois foi através dele que a prosa literária nesse idioma – no caso, o inglês arcaico – teve início”. Vale colocar que, conforme a mesma autora, “embora atualmente Marie de France seja conhecida pelos *Lais*, até o século XVIII eram às fábulas que seu nome estava ligado. Foi somente no século XIX que o lirismo dos lais atraiu a atenção dos românticos, em virtude de seu interesse pelos tempos medievais. O sucesso de suas fábulas junto ao público medieval tem sido comprovado pela quantidade de manuscritos – vinte e três – que foram produzidos entre os séculos XIII e XVI”

⁵ MARIE DE FRANCE. *Fables*, éd. A. Ewert et R.C. Johnston, Oxford, 1942, *apud* L. Harf-Lancner na introdução, p.8, MARIE DE FRANCE. *Lais*. Traduits, présentés et annotés par Laurence Harf-Lancner. Texte

O que fez que o antiquário Claude Fauchet, em 1581, denominasse-lhe Maria de França, nome que passou a ser aludido por todos para referir-se a ela.

“Eu, Maria, coloquei em memória,
o livro do *Espurgatoire*,
em romance, para ser compreendido
pela gente laica e colocado ao seu alcance”⁶

Essa terceira Maria é encontrada no *L'Espurgatoire saint Patrice*, uma “tradução”⁷ do latim para a língua românica do *Tractatus de Purgatorio sancti Patricii*, do monge cisterciense Henri de Saltrey, realizada, provavelmente, após 1189, pois se refere a São Malaquias, que só foi canonizado em 6 de julho de 1189.

Além do nome Maria presentes nestas obras, existem outros vestígios que nos permitem supor que estas três mulheres tenham sido umas únicas pessoas. Nas três obras a autora demonstra uma preocupação em evitar o esquecimento de tais histórias⁸, além disto, as obras foram transcritas para o francês no mesmo período, final do século XII.

O problema da autoria é típico da Alta Idade Média (séculos IV – X), na qual não havia, na maioria das vezes, precisões do autor em citar seu nome nem a data em que escreveu a obra, já que o gosto da exatidão permanecia alheio a muitos espíritos. Segundo Julius Schwietering, a omissão do nome do autor remonta ao surgimento do cristianismo que, através dos preceitos de Salviano, Sulpício Severo e outros, admoesta os escritores contra o pecado da “*vanitas terrestris*”⁹. Além disso, a falta de preocupação com a autoria explica-se pelo fato de os ouvintes aplaudirem simplesmente a execução da obra, lida em

édité par Karl Warnke. Paris: Le Livre de Poche, 1990. Interessante constatar que estes dois últimos versos de Maria de França ecoa na confissão de Joana d’Arc: “O meu nome é Joana e sou de França, de Domrémy” Apud HEER, F. *O mundo medieval*. São Paulo: Ed Arcádia Limitada, 1968. p. 339.

⁶ *Das Buch vom Espurgatoire S. Patrice der Marie de France*, éd. K. Warnke, Halle, 1938, apud L. Harf-Lancner na introdução, p.8, MARIE DE FRANCE. *Lais*. Traduits, présentés et annotés par Laurence Harf-Lancner. Texte édité par Karl Warnke. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

⁷ Utilizamos o termo “tradução” para simplificação, já que “pôr em romance” não é apenas uma transferência lingüística, havia uma transformação devido tanto a impossibilidade de simplesmente traduzir uma língua como o latim em línguas como as vernáculas, no caso o francês antigo, quanto a introdução de “glosas”, que clarificavam o conteúdo. Cf. ZUMTHOR, P. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 267.

⁸ Vale ressaltar que, numerosos clichês, presentes desde o século XII em toda a Europa, alegam o uso da escrita devido a perenidade da memória humana. Ao colocar que escreveu as obras para que não fossem esquecidas, Maria de França justifica sua obra e a torna aceitável aos ouvintes, sendo isto um dos pontos introdutórios do discurso retórico.

⁹SCHWIETERING, J. Die verhüllende Einkleidung des Autornamens. In: *Die Demutsformel mittelhochdeutscher Dichter*. apud CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. p.629.

voz alta, tendo pouca relevância às distinções entre autor e intérprete; nesse sentido, vale retomar Paul Zumthor:

O “autor” é o avatar laicizado do elocutor divino, *Ditactor* da Escritura; avatar cujas primeiras manifestações, ainda esporádicas, aparecem durante a segunda metade do século XII, embora por longo tempo ainda o “autor” continue a ser o intérprete na performance de uma poesia que, presença total, não precisa declarar sua origem¹⁰.

Do mesmo modo um texto, cuja razão de ser está no ser lido, não precisa ser compilado com todos os rigorismos da escrita, em especial sua dívida para com suas origens, onde encontraríamos o autor nomeado. A nítida distinção entre o poeta e o recitador só se inicia com os noruegueses¹¹ e, a partir da Idade Média Central (século XI-XII), a menção do nome torna-se mais freqüente, levando o monge cluniacense Pierre de Poitiers, por volta de 1140, a censurar expressamente esta praxe¹². No século XII, ressurgiu a preocupação do poeta em chamar direitos de autoria e de propriedade do seu trabalho, essa preocupação do autor em identificar-se como tal está ligada a um fator mais geral que foi a crescente valorização do indivíduo, a emergência do eu; nas suas obras Maria de França menciona a si própria, e como nos mostram os dois últimos trechos citados acima, em primeira pessoa¹³.

A questão da autoria auxilia na explicação histórica da obra, principalmente quando esta se mostra como uma exceção, isso porque, apesar de não ser um fato único, na Idade Média, o número de homens – até o século XIII, a maioria dos nobres permaneciam iletrados: “as formas de inteligência e o tipo de saber exigidos por sua função ou impostos

¹⁰ ZUMTHOR, P. *Op. Cit.* p. 103.

¹¹ HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. v.1, p. 229.

¹² O cluniacense escreve numa carta-dedicatória ao abade Pedro, o Venerável, de Cluny: “Se alguém se indignar comigo, por ter-me atrevido a assinar alguns trabalhos com meu nome e a acrescentá-los a vossos livros, saiba que isto não é devido a minha presunção, mas a vossa ordem, a que não ousou desobedecer. Pois, como em todas as coisas, nessa também não tenho dúvida em atender-vos, não por arrogância – que o Senhor sempre a mantenha longe de mim! -, mas por obediência submissa, sobretudo por saber que muitos homens de religiosidade e humildade comprovada adotaram outrora, prazerosamente, prática semelhante. Decerto prefiro imitar a esses, neste nosso opúsculo, por mais modesto que seja, a seguir certos escritores de nossa época, que suprimem seu nome em toda parte, por uma espécie de cautela ou imperícia. Incorrem, assim, na loucura dos escritores apócrifos que, temendo a acusação de falsidade ou de heresia, em parte alguma indicaram seu nome. Ninguém, pois, me condene aqui, antes do tempo, mas entregue-me a Deus e a minha consciência, escrevendo por sua conta, se quiser, Ovídio sem título.” *apud* CURTIUS, E. R. *Op. Cit.* p.631-632.

¹³ Ver NICHOLS, S. *Medieval Women Writers: Aisthesis and the Power of Marginality*. *Yale French Studies*. New Haven, n. 75, p. 77-94, 1988. Este autor procura demonstrar que um estilo literário inovador emerge com a força do *eu* feminino,

por sua situação social não tinham nada que ver com a prática de leitura”¹⁴ – e de mulheres que sabiam ler e, principalmente, escrever era restrito, realidade que só mudará na época moderna, principalmente na corte francesa, que era um lugar de cultura. E, na sociedade medieval, revestida de um caráter masculino, o acesso da mulher à expressão era penoso, já que este era um dos domínios que os homens reservavam para si¹⁵, sendo que, dos 400 nomes de poetas conhecidos, apenas 17 eram mulheres¹⁶. Entretanto, como nos alerta a iconografia, a faculdade de leitura entre as mulheres estava possivelmente mais disseminada do que usualmente se pressupõe, já que em diversas imagens vislumbramos a mulher exercendo sua função de primeira mestra na alfabetização de seus filhos.

Por meio das suas obras, Maria de França nos mostra ser uma mulher letrada, que conhecia o latim e era apta a fazer traduções. Vale destacar que a maioria dos poetas em língua vulgar eram pessoas instruídas, que estudaram as *artes* e os *autores* nas escolas-catedralícias do século XII. No entanto, durante muito tempo as mulheres medievais foram excluídas de uma formação universitária, a sua formação ocorria nos conventos femininos, onde algumas delas trabalhavam como bibliotecárias, copistas, tradutoras e professoras, além de ser um espaço adequado de criação e difusão do saber.

Tal fato sustenta as teses de que Maria de França era abadessa de Shaftesbury, filha natural de Geofredo Plantageneta e meia irmã ilegítima de Henrique II da Inglaterra¹⁷, ou uma religiosa ou abadessa do mosteiro de Reading, ou ainda, seria a Maria de Boulogne, abadessa de Romsey¹⁸. Mas se Maria de França fosse realmente uma dessas abadessas, um sopro de espiritualidade seria sentido em suas obras o que, excetuando o *lai* de “*Eliduc*”, não é o caso e Maria de França viveu no “século”, já que utilizando a temática do amor cortês, representa com compreensibilidade nos *Lais* a sociedade aristocrática de seu tempo, com seus códigos de comportamentos, padrões morais e valores que, muitas vezes, não se harmonizam com a relação entre os amantes, e esta, por sua vez, vai de encontro a muitos

¹⁴ZUMTHOR, P. *Op. Cit.* p. 107.

¹⁵ Sobre a palavra das mulheres na Idade Média Ocidental ver RÉGNIR-BOHLER, D. A palavra das mulheres. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org) *História das mulheres no Ocidente*. Vol 2: A Idade Média. Lisboa: Afrontamento, 1990. p. 517-591.

¹⁶ HAUSER, A. *Op. Cit.* v.1, p. 304.

¹⁷ FOX, J. Marie de France. *English Historical Review*, XXV, p.303-306, 1910; FOX, J. Mary, Abbess of Shaftesbury. *English Historical Review*, XXVI, p.317-326, 1911; BULLOCK-DAVIES, C. Marie Abess of Shaftesbury and her Brothers. *English Historical Review*, LXXX, p.314-322, 1965; LEVI, E. Maria di Francia e le abbazie d’Inghilterra. *Archivum Romanicum*, V, p.472-493, 1921.

¹⁸ KNAPTON, A. À la recherche de Marie de France. *Romance Notes*, XIX, p. 248-253, 1978/79.

preceitos religiosos, a título de exemplo, a indissolubilidade do casamento. Vale colocar que na obra *L’Espurgatoire saint Patrice*, o cavaleiro Owein recusa se juntar a uma ordem monástica e assegura que podemos alcançar a salvação e servir a Deus como laico (*Esp.*, vv. 1927-1932), o que para Yolande de Pontfarcy provaria que Maria de França “vivia no mundo”¹⁹.

Assim, muito mais sedutora é a hipótese de Urban Tigner Holmes de que Maria de França seria a filha de Agnés de Montford e Galeran de Beaumont, conde de Melun e de Worcester e viúva de Hugues de Talbot, barão de Cleuville²⁰. Destaca-se aqui a condição social da autora, uma nobre, letrada. Há assim dentro de uma certa “emergência da mulher”, por meio de Maria de França, uma emersão possível: ocorreu dentro das possibilidades que certamente lhe foram propiciadas por ser nobre, estatuto cujas responsabilidades supõem uma certa erudição para além do domínio das funções tradicionais adquiridas com o casamento. Portanto, caso não abraçassem a vida celibatária, mas fossem nobres, as mulheres eram, na sua maioria, instruídas em casa, como Heloísa.

Por fim, definir quem seria Maria de França interfere na interpretação de suas obras. A título de exemplo, podemos citar um pequeno trecho do prólogo, presente nos *Lais*:

“Em honra a vos, nobre rei,
que tanto sois valente e cortês,
a quem toda a alegria se inclina,
e em cujo coração todo o bem nasce,
me dediquei a reunir os lais,
e a recontá-los em versos.
Em meu coração pensei e disse,
senhor, que vos presentearia.
Se vos agrada recebê-los,
muito grande alegria me farás;
para sempre isso me deixará feliz.
Não me tenhas como presunçosa,
se vos ouso fazer este presente.” (Prólogo vv. 43-55).

No que diz respeito ao “nobre rei”, a hipótese de ser Henrique II Plantageneta, rei da Inglaterra desde 1154, é a mais considerada, em razão dos *Lais* terem sido escritos antes

¹⁹ PONTFARCY, Y. de. Si Marie de France était Marie de Meulan... *Cahiers de Civilisation Médiévale X^e-XII^e siècles*, XXVIII Année, n. 4, p. 353-361, oct./dec., 1995.

²⁰ HOLMES, U. T. New Thoughts on Marie de France. *Studies in Philology*, XXIX, p. 1-10, 1932. Ver também o artigo de Yolande de Pontfarcy que procura confirmar a identificação proposta por Holmes e examinar a importância, o papel e as relações familiares dos Beaumont e Talbot na Normandia, na Inglaterra e na Irlanda da segunda metade do século XII. PONTFARCY, Y. de., *Art. Cit.*

da sua morte, em 1189. Entretanto, se Maria de França era Maria de Meulan, a hipótese de ser Henrique, filho de Henrique II, coroado em 1171 e morto em 1183, ganha credibilidade devido ao contexto político no qual se encontrava a suposta família da autora. Em 1173, o jovem rei Henrique lidera uma rebelião contra seu pai Henrique II, e entre os nomes de seus partidários encontramos a maior parte dos membros da família de Beautmont e seus aliados²¹.

Em suma, procuramos ratificar que tão instigante quanto à explicação histórica da obra por meio do reconhecimento da autoria, é a aproximação de um hipotético autor por meio da própria análise textual. E, neste sentido, quanto mais escassas são as informações, mais arguto deve ser o pesquisador.

²¹ Ver PONTFARCY, Y. de. *Art. Cit.*, p. 360.

FONTES

MARIE DE FRANCE. *Lais*. Traduits, présentés et annotés par Laurence Harf-Lancner. Texte édité par Karl Warnke. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

MARIA DE FRANCIA. *Lais*. Edición bilingüe francés-español preparada por Luis Alberto de Cuenca. Madrid: Editora Nacional, 1975.

MARIA DE FRANÇA. *Lais*. Introdução e tradução de Antonio L. Furtado. Prefácio de Marina Colasanti. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULLOCK-DAVIES, C. Marie Abess of Shaftesbury and her Brothers. *English Historical Review*, LXXX, p.314-322, 1965.

CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FOX, J. Marie de France. *English Historical Review*, XXV, p.303-306, 1910.

FOX, J. Mary, Abbess of Shaftesbury. *English Historical Review*, XXVI, p.317-326, 1911.

HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972. v.1.

HEER, F. *O mundo medieval*. São Paulo: Ed Arcádia Limitada, 1968.

HOLMES, U. T. New Thoughts on Marie de France. *Studies in Philology*, XXIX, p. 1-10, 1932.

KNAPTON, A. À la recherche de Marie de France. *Romance Notes*, XIX, p. 248-253, 1978/79.

LEVI, E. Maria di Francia e le abbazie d'Inghilterra. *Archivum Romanicum*, V, p.472-493, 1921.

LOBATO, M. de N. Alfredo, O Grande: Um rei Saxão no *Esopo* de Maria de França. *Brathair* 2 (1), 2002:14-28. Disponível em <<http://www.brathair.com/Revista/N3/Alfredo_O_Grande.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2007.

NICHOLS, S. Medieval Women Writers: Aisthesis and the Power of Marginality. *Yale French Studies*. New Haven, n. 75, p. 77-94, 1988.

PONTFARCY, Y. de. Si Marie de France était Marie de Meulan... *Cahiers de Civilisation Médiévale X^e-XII^e siècles*, XXVIII Année, n. 4, p. 353-361, oct./dec., 1995.

RÉGNIR-BOHLER, D. A palavra das mulheres. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org) *História das mulheres no Ocidente*. Vol 2: A Idade Média. Lisboa: Afrontamento, 1990. p. 517-591.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz. A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.